

## Para chegar mais perto

**Luisa Duarte**

*Se mueve pero no se hunde* (Se move, mas não afunda). Esta frase, encontrada no antigo Sindicato de Marinheiros de Mar del Plata, batiza a exposição de Nicolás Robbio na Galeria Vermelho. Extrair alguns sentidos deste título é um primeiro passo para compreender o universo proposto por Robbio em sua mais recente mostra.

O movimento de que trata o artista é aquele que sabe dos riscos contidos no trajeto, mas aprende com eles, buscando compreender melhor o caminho para se mover, mas não afundar. Quer-se ir, chegar ao ponto sonhado, mas também se quer voltar. Trata-se aqui de travessia, não de deriva.

Esta diferença fundamental marcou as expedições marítimas do século XV, fonte de inspiração para o artista, quando o oceano era ainda um grande mistério e o sonho de alcançar novas terras desconhecidas começava a se tornar realidade. Para que isso fosse possível, soube o homem representar algo tridimensional e instável, os mares, em mapas, peças planas bidimensionais que permitiam controlar a instabilidade.

Logo no início da exposição este pensamento se faz presente. Vemos dois desenhos de mapas nos quais se encontram inúmeras linhas sobrepostas, formando traçados que representam rotas marítimas. Robbio constrói mapas de mares, retirando de cena o que é terra, deixando somente o mar, aquele solo flutuante que guarda sempre uma promessa de mudança. Na sua escala monumental, o oceano remete aos sonhos, a uma imensidão tal que os nossos olhos não dão conta de apreender inteiramente. Por estas suas características - a vastidão, o mistério, o inalcançável, o inapreensível - os mares muitas vezes foram evocados como símbolos da idéia de utopia. No contexto da obra de Robbio esta simbologia possui validade, mas note-se que não interessa ao artista somente o mar, mas o mar posto na forma de mapa. Pois foi com eles que, de alguma maneira, os homens passaram a dar uma medida para as utopias. Através das medições destes espaços utópicos os mesmos ficaram mais próximos da realidade, ao alcance das investidas humanas.

A palavra utopia quer dizer a negação de um lugar. O *ou*, em grego, tem o papel de negação da palavra *topos*, lugar. Assim, utopia quer dizer não lugar, alhures, ou ainda um lugar somente imaginado. Nos mapas de Robbio, o oceano, símbolo de utopias, não aparece de forma evidente, surgindo justamente como um não lugar, invisível. O que está diante dos nossos olhos, o visível, é a construção humana realizada para se navegar, as rotas marítimas que tornaram possível nos lançarmos sobre este lugar desconhecido. Ou seja, um lugar possível para as utopias está ali apresentado.

Esta relação entre utopia e possibilidade perpassa toda a exposição. Em um outro desenho vemos uma montanha feita em aquarela pousada sobre uma mesa, esta desenhada com um vinil adesivo que mimetiza a textura de madeira. Podemos pensar que a montanha está para o mar, assim como a mesa está para o mapa. Apontando para o céu, as montanhas miram o inatingível, aquele lugar que contemplamos mesmerizados, talvez justamente por jamais o conhecermos de fato. Note-se que a montanha de Robbio está pousada sobre uma mesa, representação do seu avesso, objeto trivial, sempre ao alcance das nossas mãos. É sobre a mesa que construímos prosaica e cotidianamente os pedaços de nossos sonhos. É com os mapas que podemos vir a chegar ao lugar pretendido. A poesia delicada dos desenhos do artista está justamente na simplicidade com que une sonho e realidade. Trata-se de mirar a montanha, vislumbrar o horizonte, mas tendo a dimensão “real” como ponto de partida.

Vivemos em uma época na qual o campo da arte repensa a todo o momento a questão do fim das utopias – motor dos ideais modernos de transformação do mundo. A obra de Robbio remonta a esta discussão, mas com algumas singularidades. Não se trata tão somente de redizer o fim dos projetos utópicos e a conseqüente importância que se dá, a partir daí, à dimensão do possível e do cotidiano. Tudo isso faz sentido quando se pensa a obra do artista, mas os seus trabalhos buscam conjugar dois caminhos em um só. Trata-se de dar lugar para os sonhos, a imaginação, os desejos – espécies de utopias – mantendo, ao mesmo tempo, um vínculo coeso com sistemas, elementos, que permitam que tais sonhos tornem-se palpáveis. Possível e impossível unem-se. Não se elimina a esfera onírica, tampouco há uma entrega aos sonhos de forma idealista.

Um olhar atento à exposição irá perceber que todo e qualquer símbolo de ideal presente nos trabalhos está ancorado a algo que remete a realidade. Não se trata de idealizar.

Quem somente idealiza quer chegar ao céu – espécie de terra prometida nunca alcançada. Quem constrói quer chegar cada vez mais perto. Esta diferença norteia a poética de Robbio em “*Se mueve pero no se hunde*”.

Aos oceanos e as montanhas somam-se as cúpulas. Três grandes fotografias em impressão digital trazem imagens destas construções monumentais. Apontando para o céu, as cúpulas igualmente simbolizam o desejo humano de projeção. Para o mar, o mapa; para a montanha, a mesa; para as cúpulas, a gravidade. Neste caso, é o modo de construir estas edificações que irá contrapor a sua face utópica e trazer à baila o “real”. Para erguer uma cúpula é preciso, antes de tudo, conhecer e calcular a gravidade, ou seja, pensar naquilo que pesa, puxando para baixo, para o chão no qual pisamos.

As fotografias das cúpulas tiveram os seus cumes cortados. Robbio, propositalmente, retirou os símbolos religiosos que habitavam os seus topos, bem como as deixou totalmente pretas, restando somente o contorno, a fim de não dar margem a nenhuma discussão que não fosse sobre as idéias contidas na imagem representada e na sua forma de construção.

Ao lado da parede que recebe as três fotos, encontra-se um outro trabalho que dialoga diretamente com a obra anterior. Vêm-se três pequenas flâmulas pretas, com um pequeno espaçamento entre uma e outra, bem próximas ao teto. Sutis gradações marcam cada uma delas, representando o que seria a quantidade de vento que elas estariam recebendo. A mais esticada estaria sob um vento forte, a menos tesa, sob um vento fraco. De cada uma destas flâmulas pende um fio com um pêndulo de ferro na ponta, trazendo a força da gravidade mais uma vez como contraponto à altitude.

Robbio mimetiza um movimento da natureza – o tremular das flâmulas ao vento no topo de cúpulas ou embarcações – na forma de um desenho. Estas sucessivas operações de tradução são correntes na obra do artista. Há uma busca constante no sentido de realizar cruzamentos, idas e vindas, entre realidade, desenho, representação e simbolismos, deixando pelo caminho breves enigmas para o olhar, fazendo com que vejamos o mesmo de forma diferente.

Esta dinâmica entre observação, representação, e um retorno para realidade, pode ser visto no trabalho no qual um mapa de rotas marítimas encontra-se construído fora do papel. Uma série de barbantes esticados cruza-se e se sobrepõe, seguros por roldanas que cada espectador pode movimentar. Alguns trechos dos fios estão pintados de preto, fazendo com que, a cada movimento, a cartografia seja modificada, ou seja, a rota se altere, o destino de chegada se modifique. Este mapa em movimento surge como uma espécie de protótipo, maquete de uma mudança possível, realizada na dimensão de um desenho, mas evocando a força real que temos de nos movimentar e alterar, mesmo que sutilmente, os rumos de nossas vidas e do mundo ao redor.

Em uma época cética e cínica como a atual, coloca-se na conta da ingenuidade o ato de imaginar, sonhar. Mas é somente aí, sonhando, imaginando, e realizando concretamente a partir dos sonhos, que pode-se colocar em curso desvios na realidade. Para sair do domínio da repetição do mesmo, é preciso, primeiro, imaginar o diferente. Trata-se da inversão do conhecido ditado: não é ver para crer, mas crer, para ver.

A obra de Nicolás Robbio nos coloca frente a este desafio, não cair na mera constatação complacente diante da realidade dada, tampouco na posição idealista que mira sonhos impossíveis. Há que se estar em movimento, reconhecendo que estar vivo é um equilibrar-se sobre a água, requer coragem, requer delicadeza. Com a sabedoria dos marinheiros, e a poesia de certos artistas, recordamos que é da travessia balançar, mas que é possível não afundar.

São Paulo, fevereiro de 2010